

Do Ipiranga

Foi há consideravelmente bastante tempo. Eu morava com meus pais fora do estado, e devia ter seis, sete anos. Acredito que era janeiro, e eles me trouxeram para São Paulo, para conhecer a cidade das avenidas largas, dos prédios altos. Estava revoltada, era férias e eu queria ir pra praia. Cheguei, olhei o caos paulistano e dei de ombros. "Nada de mais", pensava. Porém papai e mamãe tinham planos: era hora de conhecer lugares importantes, o primeiro deles, Museu do Ipiranga.

Fomos então, não era uma escolha. Andei pelo gramado e ouvi: "Aqui que fizeram a independência, minha filha" "ué? Mas então cadê o rio?", questionei. "Encanado, fizeram a cidade em cima". Lembro-me da surpresa e desapontamento, afinal de contas, não era um rio qualquer, era o rio da Independência, do Sete de setembro com os desfiles e fitinhas verde e amarelas. "A nascente ainda está ali, vai lá ver", me disseram. Eu fui. Ela era pequena, um modesto filete de água. Imaginei aquele cantinho escondido ouvindo o grito da emancipação de D.Pedro I, em pessoa, mais de duzentos anos antes. Se é que é possível nessa idade, fiquei emocionada. Percebi, talvez pela primeira vez, o quão jovem era, e, por outro lado, o quão próximo tudo aquilo que, até então, era texto de apostila, estava perto de mim, bem de baixo dos meus tênis cor-de-rosa.

Já feliz, corri novamente pelo grande gramado. Olhei os canhões que ficavam na frente do prédio, imaginei inimigos, guerras e guerreiros. Tiramos fotografias e entramos. Era um palácio, um palácio de verdade. "Filha, a família real morou aqui. Olha os móveis deles ali, a carruagem lá". Eu ouvia as palavras do meu pai, mas já era, na imaginação, Princesa Isabel criança também, correndo pelas escadarias brancas e vermelhas.

Caminhei pelo museu, mas pra mim não era museu, era castelo, e nós estávamos em mil oitocentos e alguma coisa. Subi com as mãos no corrimão elegante e vi pessoas fazendo fila pra entrar numa sala. Curiosa, fui investigar. Espiando, novamente me emocionava. Lá estava ele, sua alteza em pessoa, três metros de altura que pareciam dez, num cavalo imponente, erguendo a espada. Anos mais tarde, e algumas leituras depois, eu iria mudar de opinião, mas naquela hora, D. Pedro I era o herói romântico. Líder guerreiro com seus homens felicitando a liberdade. Saudei nosso recém imperador, me apresentei. “Sua alteza, é um prazer conhece-lo” e fiz uma reverência. Desci novamente as escadarias e vi, na sala, a grande carruagem real, dourada e vermelha. Entrei nela para deixar o palácio, de volta ao presente.

Hoje, aquele presente é meu passado. Não poderia dizer que me lembro como se fosse “ontem”, já se passaram mais de dez anos. Porém, o hino nacional diz: “ouviram do Ipiranga as margens plácidas”, depois daquele janeiro, eu pude cantar que também ouvi.